

A EVASÃO ESCOLAR DE MULHERES NEGRAS COMO UM FENÔMENO INTERSECCIONAL : UMA ANÁLISE PELALENTE BIOGRÁFICA DE BELL HOOKS

Isabella de Moraes Costa Paim¹

Gabriel Siqueira Lima²

RESUMO

O objetivo deste artigo é elucidar o contexto causal da evasão escolar de mulheres negras no Brasil enquanto fenômeno interseccional. A metodologia da pesquisa é de abordagem quantitativa, feita a partir das estatísticas sobre evasão escolar e qualitativa, feita a partir da análise bibliográfica, utilizadas para responder às questões e objetivos propostos. Como referencial teórico, utilizamos autoras como: Bilge (2009), Hooks (2013), e Hirata (2014) e dados do site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A partir da articulação entre o fenômeno da evasão e os parâmetros discursivos da interseccionalidade, conclui-se que a evasão impacta especificamente a realidade das mulheres negras, haja vista que os marcadores de discriminação socio-raciais aglutinam-se e se intensificam mais na medida em que os estigmas se concentram na classe, na cor e no gênero. A isto, uma decomposição sumária da vida e formação educativa de bell hooks, em sua intersecção com a epistemologia vívida de Paulo Freire, dão-nos um amparo à reflexão sobre a conjuntura sócio-histórica de subjacência do feminismo negro, e as conformações da luta pela elevação do seu protagonismo nos cenários de êxito escolar, como via direta para a decolonização de uma herança imperialista regada por marginalizações, violências e silenciamentos.

Palavras-chave: Evasão Escolar, Racismo Estrutural, Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

A evasão é um fenômeno no qual o educando interrompe seus estudos por diversos motivos e não retorna para a escola no ano seguinte, trata-se de um problema social que implica uma quebra de direito constitucional da criança e do adolescente. Entretanto, para pensar a evasão escolar de forma mais holística possível, faz-se necessário refletir acerca da sua relação com o racismo estrutural.

Almeida (2019) define o racismo como: “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam.” (ALMEIDA, p.22. 2019). A partir dessa definição, podemos afirmar que o racismo ocorre sempre que um grupo racializado obtiver vantagens sobre outros tidos como minoritários. Não diz respeito somente à população negra, mas também a qualquer etnia que não seja condizente ao padrão europeu estabelecido pela filosofia moderna.

¹ Graduanda em Pedagogia. Faculdade de Educação. Instituto de Ciências da Educação. Universidade Federal do Pará. E-mail: isabella.paim@iced.ufpa.br;

² Graduando em Pedagogia. Faculdade de Educação. Instituto de Ciências da Educação. Universidade Federal do Pará. E-mail: gabriel.lima@iced.ufpa.br;

Tal arquétipo do sujeito “branco” fortemente enraizado e estruturado nas sociedades ocidentais, contextualiza diversos processos que colocam grupos historicamente marginalizados na sociedade em uma constante luta para a quebra dos paradigmas construídos. E ainda, de modo pernicioso, tentam a todo custo furtar a consciência destes povos para culpabilizá-los pelas suas “frustrações e fracassos”, ou seja, é sempre culpa da vítima, como se pudéssemos de algum modo dizer: “você está relegado a receber menores salários e aos piores empregos por (des)mérito próprio”; nunca será um processo historicamente construído e edificado.

Desse modo, é legítimo afirmar que o racismo é sistematicamente organizado, não se tratando de ações isoladas de preconceito ou discriminação racial tão somente, mas além. Trata-se do todo, do conjunto da obra. É um sistema retroalimentar que leva à estigmatização e à segregação de segmentos humanos, tendo por substrato basilar, uma característica insustentável, relacionada a genótipos e fenótipos. Por ser um sistema estrutural está presente em todas esferas e fenômenos da vida social, incluindo a problemática da evasão.

Assim, o objetivo desse trabalho é elucidar o contexto causal da evasão escolar de mulheres negras enquanto fenômeno interseccional, e para alcançar este objetivo pensou-se em outros dois objetivos específicos que consistem em: Analisar a imanência estatística do fenômeno da evasão escolar quanto à sobreposição dos distintos descritores condicionais e; Traçar um paralelo sintético entre a trajetória de formação feminista e antirracista de bell hooks e a pedagogia libertária de Paulo Freire.

Tais elementos teóricos, estatísticos e descritores subsidiam o epílogo discursivo deste trabalho, no qual buscou-se tecer uma proposição sobre possíveis caminhos a serem tomados para abreviar os impactos desta problemática, e superar a estética de saberes docentes e práticas pedagógicas reprodutivistas dessas estruturas coloniais de ensino que subjagam, discriminam e segregam mulheres - e sobretudo mulheres negras - e as demarcam às margens de uma sociedade de direitos.

A partir de um levantamento e análise de dados sobre a evasão escolar, estatística disponível na Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios (doravante PENAD) feita pelo IBGE, articulamos uma relação entre o fenômeno da descontinuidade nos estudos básicos com os parâmetros discursivos da interseccionalidade. Isto para pensarmos como as causas impactam especificamente a realidade das mulheres negras nos limites da escola. Isto pois, o agrupamento de estigmas sociais sobrepostos aos corpos de mulheres negras, mediante a perspectiva da interseccionalidade, avulta as múltiplas violências estruturais que sofrem em seus muitos cotidianos.

Com base nos diálogos propostos nesta dinâmica, evoca-se a reflexão teórica de bell hooks, em sua posição política de luta contra as conformações sistêmico-estruturais de uma ordem hegemônica, que demarca a geografia dos sujeitos por cor, sexo, gênero, classe, etnia e capital, exige obediência à mulher negra e promove subjascência a sua voz e ao seu desejo ardente por aprender para resistir e se libertar. De mesmo modo, resgata-se a interlocução elementar entre bell e Freire sobre os parâmetros de uma educação emancipatória como condição sine qua non à ascensão do protagonismo feminino negro na produção de uma cultura insurgente.

METODOLOGIA

Os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa configuram-na enquanto pesquisa quanti-qualitativa, na tentativa de romper com a dicotomia entre pesquisas que são somente quantitativas ou somente qualitativas. De acordo com SOUZA & KERBAUY (2017):

As abordagens qualitativas e quantitativas são necessárias, mas segmentadas podem ser insuficientes para compreender toda a realidade investigada. Em tais circunstâncias, devem ser utilizadas como complementares. Logo, a literatura da área aponta claramente que a pesquisa quanti-qualitativa/quali-quantitativa e/ou mista consiste em uma tendência que indica o surgimento de uma nova abordagem metodológica. Uma abordagem que possibilite mais elementos para descortinar as múltiplas facetas do fenômeno investigado, atendendo os anseios da pesquisa. Caracteriza-se como um movimento científico, que se opõe a histórica dicotomia quantitativa-qualitativa. (SOUZA & KERBAUY, 2017, p. 40)

Assim, esta pesquisa tratará tanto com dados quantitativos, na medida em que busca trazer para a análise de dados estatísticos, quanto qualitativos para o tratamento desses dados, com base em autores como Bilge (2009), Hooks (2013), e Hirata (2014), além de dados do site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Ratusniak et al (2022), ao analisar dados das matrículas e dos históricos escolares a partir dos marcadores sociais de gênero e raça, foi possível observar que estes marcadores produzem o acúmulo de desvantagens que favorecem a evasão. Além disso, dentro da própria problemática da evasão que por si só, nega o direito à educação aos jovens, em especial os jovens negros, também é possível observar uma variância na força motriz por

trás da evasão: enquanto mulheres evadem por motivos relacionados com o cuidado com a família, homens evadem por desinteresse em relação aos estudos ou para poder trabalhar.

Este fato demonstra que a evasão escolar também é transpassada por questões de gênero e misoginia, a medida em que a evasão de mulheres é causada para ajudar a família em casa e a evasão de homens tem como causa o desinteresse e a necessidade de procura de trabalho. Sobre essa questão, Ratusniak et al (2022) complementa:

Nas alunas, a naturalização do cuidado como tarefa das mulheres, aliado a uma trajetória escolar onde as reprovações, a desistência e a infrequência estão presentes, as empurra para o espaço doméstico, o desemprego, o trabalho não remunerado ou mal remunerado. Casadas, mães, grávidas, prosseguem os seus estudos somente quando encontram a condição favorável para conciliá-los com a família. Nos alunos, produzem no desinteresse a forma de responsabilizá-los pelo fracasso escolar, predizendo um futuro na criminalidade como uma escolha que esconde a falta de oportunidades e a precariedade da educação que lhes é oferecida. (RATUSNIAK et al, 2022, p. 20)

Nota-se que esta questão está para além de “estar fora da escola” ou “não conseguir concluir os estudos”; restam para a população negra um péssima educação básica que muitas vezes não é sequer concluída e, ainda, os piores empregos, pois no mundo globalizado, a tendência é a especialização das profissões, enquanto estes mal conseguem o ensino médio completo. Apesar de já termos dados ruins o suficiente, é fundamental pensar como a mulher negra da periferia é afetada por isso, haja vista que ela é subjugada por três marcadores sociais.

São diversos os fatores que podem levar o aluno a evadir da escola, tal como as violências, as desigualdades econômicas, a distorção série-idade que, inclusive podem levar o aluno a evadir mais de uma vez, a gravidez na adolescência, a relação familiar, a pobreza menstrual e a recente pandemia da covid-19, entretanto, de acordo com dados do IBGE (2019), a necessidade de trabalhar e falta de interesse são os principais motivos para evasão.

De acordo com dados do PENAD:

“O principal motivo para os jovens terem abandonado ou nunca frequentado escola era a necessidade de trabalhar, apontada por 39,1%, seguido pelo não interesse (29,2%). Para os homens, 50% disseram precisar trabalhar e 33% relataram não ter interesse. Para as mulheres, o principal motivo foi não ter interesse em estudar (24,1%), seguido de gravidez e trabalho (ambos com 23,8%). Além disso, 11,5% das mulheres elegeram realizar os afazeres domésticos como principal motivo de terem abandonado ou nunca frequentado escola, enquanto para homens este percentual foi inexpressivo (0,7%).” (PENAD, 2019).

As estatísticas, além de demonstrarem a necessidade de se criar estratégias para que o aluno tenha interesse em continuar na escola, também nos apontam para dados extremamente sexistas, ao passo que 11,5% das mulheres relatam precisaram abandonar os estudos ou nunca frequentaram as escolas devido aos afazeres domésticos, enquanto que o dado é praticamente nulo para homens, com apenas 0,7%.

Quando se fala do percentual de mulheres que evadem, os principais motivos são a gravidez, questões familiares (que não são especificadas, isto abre margens interrogativas quanto às variáveis; podem ir dos afazeres às múltiplas facetas dos abusos domésticos, por exemplo) e a necessidade de abandonar o ensino formal por questões de trabalho, majoritariamente justificado pela necessidade de auxiliar no sustento da casa. O ponto relevante é que, apesar de termos dados sobre o percentual de mulheres que evadem, não temos a intercessão desses dados com os dados de pretos e pardos que abandonam a escola. Logo, os embargos inferidos à formação e continuidade escolar de mulheres negras é, ainda, uma estatística subjacente, daí surge a necessidade de tratar este tema como fenômeno interseccional, para então analisar a evasão de mulheres negras mais integralmente.

De acordo com Helena Hirata (2014), o termo “interseccionalidade” foi utilizado pela primeira vez com o intuito de designar a interdependência de marcadores de discriminação social - raça, sexo e classe -, por a Kimberlé W. Crenshaw (1989). A interseccionalidade parte então do pressuposto de uma análise que contemple o fenômeno na sua integralidade, para contrariar idéias de isolamento entre as categorias, sexo, gênero, classe, raça, deficiência, idade, orientação sexual, etc.

Em concordância com Sirma Bilge, podemos dizer que:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70).

Os dados de evasão quando analisados isoladamente, não nos permitem fazer uma análise holística da realidade. Entretanto, pesquisas feitas a partir do entendimento de interseccionalidade, ou seja, da intersecção entre múltiplos marcadores de discriminação social, contemplam a problemática de forma abrangente e integral, pois levam em consideração que, o indivíduo que possui mais de um marcador social, não sofrerá a mesma discriminação que um indivíduo que possui apenas um marcador. Diferentemente dos dados, a discriminação não ocorre de forma isolada. Portanto, a unilateralidade analítica dos dados sobre evasão, quando não contemplados os descritores de interseccionalidade, podem confundir as reais causas e impactos do fenômeno em questão sobre o grupo de mulheres negras no Brasil.

Antes de darmos seguimento as proposições conclusivas, falaremos um pouco do encontro de bell com a pedagogia freireana, que nos ajudará a pensar sobre o fenômeno causal da evasão e possíveis caminhos para a sua superação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gloria Jean Watkins - a bell hooks - é uma escritora; professora; intelectual negra, feminista e antirracista, nasceu em Hopkinsville em meados da década de 50, em um Estados Unidos fortemente demarcado pelo racismo e pelas políticas de segregação. Sem, contudo, extraviar-se dos pressupostos políticos da luta insurgente contra as forças hegemônicas de violência e dominação, postas sobre o povo negro norte-americano, o cartografar formativo de bell traceja-se, entrelaçadamente, à convicção de que pela educação, mediante ao ato político e humanizador de educar, a comunidade negra - e sobretudo as mulheres negras, constróem não só os vossos modos fundamentais de resistências contra-hegemônicas, mas também os vossos caminhos para a liberdade de seus corpos, suas memórias, suas forças e suas vozes.

Bell nutriu-se desde o mais rudimentar tempo memorial de sua vida de grandes referenciais político-pedagógicos. Seus primeiros exemplos foram suas professoras negras que, no encargo de formadoras de consciências críticas e políticas antirracistas, viabilizaram a bell uma educação que a ascendesse à regência cultural, elevando assim o seu próprio protagonismo social dentro e fora da academia, posteriormente.

Quando ingressada ao ensino formal integrado, na convivência e na educação com e por pessoas brancas, bell enxerga os descritores etnico-raciais latentes na escola, pois as conformações sistêmico estruturais que nela demarcavam a geografia dos sujeitos por cor, sexo, gênero, classe, etnia e capital exigiam obediência à mulher negra e promoviam subjascência a sua voz e ao seu desejo ardente por aprender para resistir e se libertar. Eram escolas com subtextos pedagógicos racistas, segregatórios e coloniais, replicados tanto nos discursos quanto nas práticas docentes, para demarcar o lugar da intelectualidade negra abaixo do branco. Destituídas de um compromisso político para um re-postulado sociocultural. Na academia, posteriormente, não seria tão diferente, contudo é justamente neste campo de formação que a obra do saudoso educador Paulo Freire se entrelaça com o desenvolvimento da obra de teoria feminista e crítica social de bell hooks.

É na imanência do contexto de “sede” epistemológica que bell enxergou em Freire uma epistemologia que lhe abriria caminhos à libertação de um povo, o seu povo. Em seu momento de maior vulnerabilidade e sede por uma sociedade crítica, Freire a oferece. E

mesmo com as impurezas contidas na fonte da obra (a linguagem sexista), o teor investigativo e elucidativo de Freire influenciou como vívida substancialidade a bell.

Obviamente que o pensamento feminista não poderia desperceber-se quanto à crítica construtiva de bell à visão falocêntrica subjacente na linguística da obra. Contudo, jamais caracterizaria uma rejeição da valoração dos estudos de Freire. Bell reforça que o próprio modelo de pedagogia crítica proposto por Freire acolhe o juízo feito ao eixo linguístico da obra.

É através do sentimento de identificação com a posição discursiva sobre as lutas travadas pelos grupos minoritários da classe trabalhadora, da profunda indignação e questionamento feito à política hegemônica de dominação, de violência sobre a comunidade negra na Guiné-Bissau, e que, de semelhante modus, opera também sobre os camponeses e trabalhadores do campo, aos quais Freire se debruçou, que a vida e obra de bell hooks é tocada. Por meio da obra de Freire, bell adquire linguagem e caminhos consistentes ao seu próprio pensamento crítico e identitário, em seu caráter de resistência aos preceitos coloniais do racismo, do machismo e do sexismo.

O pensamento freireano intersecciona-se às pedagogias da liberdade experienciadas por bell na docência de suas primeiras referências críticas, na tenra época de formação. A isto consuma-se a relação entre a obra de Freire e o desenvolvimento da obra de teoria feminista e crítica social de bell hooks.

Para refletir acerca dos dados sobre a evasão a partir da interseccionalidade, propomos a análise de dois gráficos disponibilizados pelo IBGE:

Imagem 1: Situação Escolar de Jovens entre 15 e 17 anos por sexo e cor ou raça.

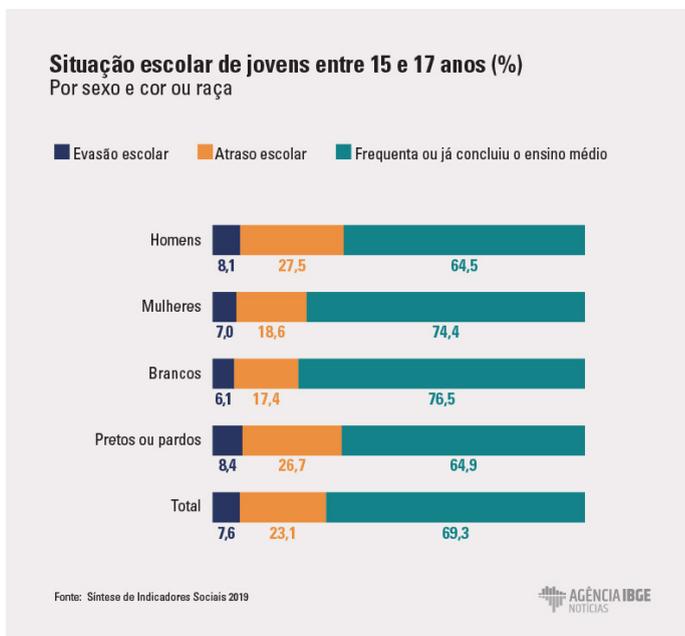
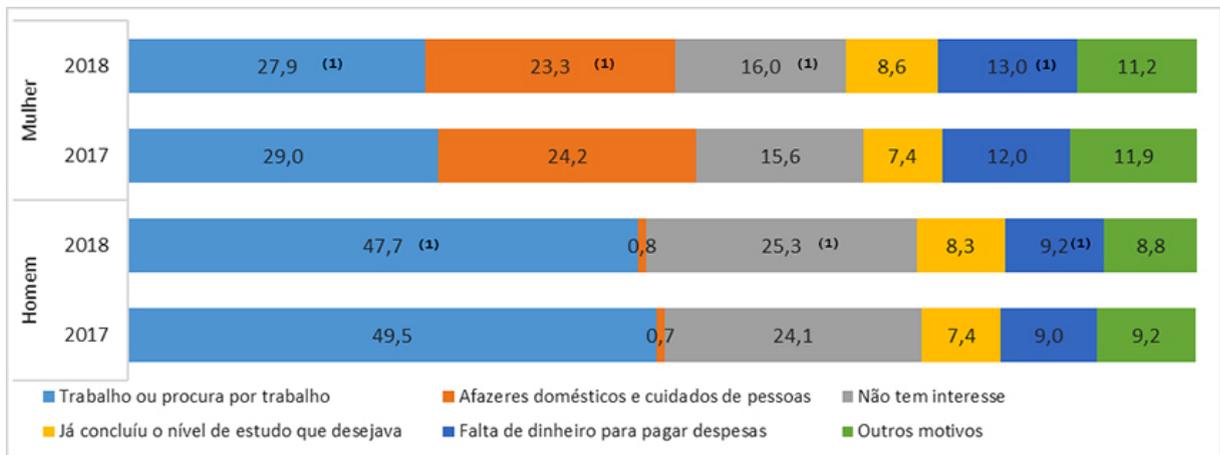


Imagem 2: Motivos que levam os jovens a evadir.



Pelos dados causais da evasão apontados pela agência de notícias IBGE, podemos traçar as margens de impacto deste fenômeno disruptivo na formação educacional brasileira. A partir das imagens, podemos constatar o que já foi supracitado, que são os motivos que levam homens e mulheres a evadirem, mas, com o vislumbre da imagem, podemos averiguar quantitativamente a diferença percentual para cada motivo, podendo, assim, constatar que: enquanto 23,75% de mulheres (média das porcentagens de 2017 e 2018) evadem por terem afazeres domésticos ou precisarem cuidar de pessoas, esse percentual para homens é praticamente nulo.

Além disso, a partir da análise da imagem 1, podemos aferir que homens evadem mais que mulheres, mas os dados de evasão a partir do gênero não são cruzados com os dados de cor ou raça, o que impede-nos de aferir o percentual específico de homens negros e mulheres negras. Assim, sua insuficiência explicativa requer um olhar mais holístico quanto aos marcadores desta evasão.

O fenômeno não atinge a todos de igual modo, demarca-se principalmente na interseccionalidade entre classe, gênero, cor e raça, e as mulheres - sobretudo mulheres negras - ainda fortemente atravessadas por condições culturais, que se desdobram historicamente, de silenciamento e domesticação de suas vozes, de suas forças produtivas, sofrem com maior intensidade os impactos da evasão. Justamente por não lhes serem dadas a educação formal em sua dimensão política de luta e resistência, bem como de sua instância pedagógica emancipatória, mas suprimidos os predicados qualitativos do ensino, o que lhes oferecem são os restos, as migalhas do conhecimento hegemônico que serve a uma ordem colonial de formação e subjugo categórico.

A importância da teoria de educação popular feminista e dos parâmetros teórico-analíticos da interseccionalidade dão-se pela proposição de descolonialidade, para uma educação libertadora; discursividade presente também na vida e obra de Freire. As descontinuidades escolares evidentes nas estatísticas de formação entre pretos, pardos e etnias originárias resultam de um processo de subjacência valorativa de suas vozes, suas lutas e suas reivindicações por um currículo mais tangencial às suas próprias geografias e socioculturalidade. Assim como de uma marginalização velada - e historicamente normatizada - de seus corpos e seu protagonismo social. Faces de um mesmo problema que se tenta fatalizar em meio às lutas feministas e antirracistas contra uma colonização da cor e do gênero.

Para bell e Freire, a educação como ato político e humanizador dará subsídios para que indivíduos construam seus caminhos para a emancipação crítica, na luta contra-hegemônica. Se mulheres pretas ou pardas são as que mais evadem, e evadem porque os marcadores sociais que as afligem são os mais fatais, como terão a oportunidade de construir sua criticidade? Tira-se delas a oportunidade de se humanizarem. Portanto, pensar nas propostas de redução da evasão entre mulheres negras, implica repensar os próprios parâmetros educacionais e as práticas pedagógicas na escola que, antes de tudo, tem-se caracterizado como práticas sociais de reprodução das discriminações de gênero e cor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da articulação entre o fenômeno da evasão e os parâmetros discursivos da interseccionalidade, conclui-se que a evasão impacta especificamente a realidade das mulheres negras, haja vista que os marcadores de discriminação socio-raciais aglutinam-se e se intensificam mais na medida em que os estigmas se concentram na classe, na cor e no gênero.

Um caminho propositivo importante para se elucidar a superação dos índices de evasão começa pelo redesenho curricular crítico dos cursos de formação de professores, gestores e agentes escolares, para se pensar a educação em contato com as diversidades étnico-culturais e as desigualdades de classe, gênero e raça.

A práxis educacional é o caminho, Paulo Freire evidenciou esta máxima em sua jornada epistemológica existencial. Resgatar a pedagogia, uma pedagogia transgressora e decolonial, aos saberes docentes, e o diálogo com os preceitos da educação popular feminista e antirracista para uma disrupção entre a educação - esta como realmente é, uma prática humanizante de liberdade - e os seus vínculos com a colonialidade da hegemonia curricular e

sociocultural, em contínuo antagonismo com os interesses minoritários por emancipação de seus corpos, suas memórias, suas forças e suas vozes.

REFERÊNCIAS

IBGE (ed.). PNAD Educação 2019: mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 7 dez. 2022.

_____. Abandono escolar é oito vezes maior entre jovens de famílias mais pobres. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25883-abandono-escolar-e-oito-vezes-maior-entre-jovens-de-familias-mais-pobres>. Acesso em: 07 dez. 2022.

_____. PNAD Contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>. Acesso em: 07 dez. 2022.

BILGE, Sirma. (2009), “Théorisations féministes de l’intersectionnalité”. **Diogène**, 1 (225): 70-88.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 61-73, 2014.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 65-82

RATUSNIAK, Célia; DA SILVA, Carla Clauber. A EXPULSÃO ESCONDIDA NA EVASÃO ESCOLAR:: GÊNERO, RAÇA E FRACASSO ESCOLAR. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 12, n. 1, 2022.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017.